

Registros históricos dos tempos recentes da Rádio Nacional do Rio de Janeiro - de emissora comercial nacional a rádio pública local? ¹

Valci Regina Mousquer ZUCULOTO²

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC - SC

Resumo

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa histórica acerca de transformações da Rádio Nacional do Rio de Janeiro nos seus tempos mais recentes - meados de 60 até 2016 -, com ênfase no período contemporâneo. Reflete registros expostos e analisados em artigo de minha autoria para livro sobre os 80 anos da emissora, do GP Rádio e Mídia Sonora e a ser lançado neste Intercom. Estatal, paradoxalmente a estação consolidou-se como padrão do hegemônico segmento comercial na chamada “Era de Ouro do Rádio”. Passou as fases seguintes em declínio. Na atualidade, tenta recuperar-se, integrando a EBC – Empresa Brasil de Comunicação. Ao mesmo tempo em que expõe transformações mais recentes e pouco estudadas da Nacional, o artigo busca verificar se e como cumpre requisitos do rádio público. Recorre a aportes metodológicos e teóricos da história, da comunicação e do jornalismo.

Palavras-chave:

Rádio Nacional; Rádio Público; Rádio Estatal; Programação Radiofônica; EBC.

A Rádio Nacional do Rio de Janeiro entrou no ar no dia 12 de setembro de 1936, integrando, então, um dos poderosos grupos midiáticos da época – o do jornal *A Noite*, instalada na Praça Mauá, na época no mais alto edifício da América Latina. Começou como mais uma das tantas emissoras de rádio que, na época, instalavam-se de norte a sul do país, mas pouco depois já iniciou a trajetória que a transformou num dos maiores fenômenos da comunicação do século XX, não somente do Brasil, mas da América Latina e também com repercussão na radiofonia mundial. Quatro anos após, em 1940, foi estatizada pelo governo Getúlio Vargas. Mas continuou funcionando como comercial. E assim, paradoxalmente, tornou-se padrão da nossa radiofonia até a atualidade hegemônica pelo segmento comercial, tanto em número de emissoras quanto de alcance de audiência e modelos de programação.

Partindo desta breve contextualização do passado mais distante da Nacional, este trabalho busca refletir seus tempos mais recentes, expostos e analisados em capítulo de minha autoria para o livro “80 anos das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro” que o GP Rádio e Mídia Sonora lança neste Intercom, organizado por Nélia Del Bianco,

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e pesquisadora do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (POSJOR UFSC). Jornalista (UFRGS), doutora em Comunicação (PUCRS) e pós-doutora (UFRJ), coordenadora do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom e da Rádio Ponto UFSC. É uma das líderes do Grupo de Investigação em Rádio, Fonografia e Áudio (Girafa) do POSJOR. E-mail: valzuculoto@hotmail.com

Luiz Artur Ferraretto e Luciano Klöckner. São os tempos da Nacional pouco estudados e evidenciados. Por isso, o recorte do artigo abrange desde meados dos anos 60, quando se aguça sua decadência, até 2016, ano em que a emissora, junto com a EBC – Empresa Brasil de Comunicação à qual é vinculada atualmente, passa a enfrentar nova crise, desencadeada por mudanças impostas pelo governo Temer.

De crise em crise, a estação chegou à contemporaneidade, quando tenta recuperar o prestígio e a popularidade. Hoje, não mais mantendo perfil de rádio comercial, funciona como estatal/pública, integrando a EBC – Empresa Brasil de Comunicação instituída em 2007, pelo governo Lula, com declarado objetivo de construir o sistema público. Porém, mesmo com a revitalização buscada também pelo governo Lula a partir de 2004 e com o destaque que a EBC reservou à estação no desenvolvimento do seu segmento de rádio e, assim, do próprio sistema público, a Nacional vem atravessando as primeiras décadas do século XXI novamente submetida a problemas que têm gerado incertezas quanto ao seu futuro e ameaças de fechamento. Isto em função de controvérsias e crises da própria Empresa, a principal delas justamente em 2016, ao completar 80 anos, após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, e do seu vice, Michel Temer, assumir a presidência.

Com apenas uma década de funcionamento, ainda em fase de consolidação e tentativa de construção de um modelo para o sistema público do país, a EBC passa por profundas mudanças nos dias atuais, impostas pelo governo Temer. Essas mudanças, para boa parte dos estudiosos e defensores da radiodifusão pública e inclusive de atuais e ex-profissionais, ex-gestores e ex-conselheiros da Empresa, significam um verdadeiro desmonte da EBC e do ainda não consolidado sistema público que o Brasil já havia conseguido constituir até o momento. Para a Nacional, portanto, essas transformações em curso também levam a novas incertezas.

Além de evidenciar historicamente as fases pouco estudadas da Nacional, no artigo aqui retratado procurei observar reflexos produzidos nas suas linhas gerais de produção e programação. Compreendo que os primeiros critérios que devem dar característica de pública a emissoras deste segmento não-comercial estão expressos na própria Constituição brasileira e estabelecidos para a radiodifusão como um todo. (BRASIL, 1988). Acerca de programação radiofônica no seu geral, independente de ser rádio público, comercial ou estatal, também entendo que uma estação radiofônica, como tão

bem sustenta Ferraretto (2014, p. 39), “deve atentar para uma série de procedimentos e raciocínios complexos na conformação do que pretende difundir”.

Para o rádio ser público, destaco o financiamento, a gestão e a programação democráticas, independentes e autônomas (ZUCULOTO, 2012). Especificamente em relação à programação, tomando como base em especial indicadores da Unesco (2006), realço como características principais: (1) a disseminação da cultura e do conhecimento/educação, observando a necessidade de conceitos mais amplos e menos elitistas para estes, efetivamente expressando a diversidade nas suas composições, (2) o atendimento ao real interesse público, entendido, em concordância com Gomes (2009), como as necessidades da sociedade de informação e comunicação, representadas de forma a que possa exercer sua cidadania, (3) a universalidade, no sentido de atingir todas as camadas da população e dar conta de refleti-las, (4) a diversidade e (5) a pluralidade, compreendidas como a efetiva expressão e representação de todos os segmentos sociais bem como produção com formatos, apuração, enfoques e fontes diversos e plurais de maneira a conseguir abarcar a complexidade social que deve irradiar, (6) a regionalização, proporcionando a aproximação com a comunidade onde a rádio está inserida, valendo tanto para o conteúdo quanto para abertura à produção local, sem descuidar de manter sua audiência integrada à realidade nacional e global, (7) a diferenciação, esta referindo-se ao papel da radiofonia pública de não só pautar o que é do interesse público, mas dar cobertura ao que especialmente a grande mídia privada não comunica e com linhas editoriais diferenciadas e/ou complementares a esta, (8) a independência e autonomia, estas editoriais, de financiamento, estruturação e gestão, pois mesmo quando, por exemplo, vinculada ao Estado, a emissora pública pode e deve buscar ser independente e autônoma, baseando-se no interesse público.

Além destes critérios mais gerais e amplos, o artigo buscou também se referenciar em outra publicação da Unesco – “Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea” (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012) – acerca da complexidade e multiplicidade de modelos que se verifica ao se investigar e avaliar a caracterização de estações públicas e da necessidade de adequá-la à realidade de onde o rádio público se encontra inserido.

A Radiodifusão Pública conta com distintos modelos em funcionamento em várias nações. Entretanto, algumas características são ou deveriam ser comuns: 1) independência editorial e financeira; 2) autonomia dos órgãos de governança;

3) pluralidade, diversidade e imparcialidade da programação; 4) claro mandato de serviço público, estabelecido em documentos legais pertinentes; 5) prestação de contas (*accountability*) junto ao público e junto aos órgãos reguladores independentes (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 7).

Mesmo apontando esses critérios comuns, a mesma publicação balizadora faz um alerta de que indicadores para avaliação de emissoras públicas não podem resultar em métricas, ser aplicados indistintamente nem ser usados para comparações.

Dada a vastidão do cenário das emissoras públicas pelo mundo, conformando um conjunto marcado por disparidades e intensa diversidade de modelos, não é possível – tampouco é desejável – que se crie uma única cesta de indicadores que, aplicados matematicamente, em métricas estritas, forneça números conclusivos para atestar a qualidade da programação de uma ou de outra, permitindo inclusive uma comparação entre todas elas. [...] Os vínculos que as emissoras públicas são capazes de guardar ou de negligenciar com as comunidades que as abrigam e sustentam, e que devem ser as beneficiárias de seus conteúdos culturais e informativos, são vínculos imersos na cultura e, também, no mercado da radiodifusão. Além disso, elas têm dimensões políticas, [...] Portanto, para cada emissora, à luz de suas circunstâncias, sua missão própria e seu entorno social, cultural, econômico e político, os indicadores podem assumir pesos diferenciados (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 9).

Apoiado nestes aportes, referenciais e sistematizações, o artigo do livro aqui apresentado dá continuidade, aprofundando-os e os atualizando, a dois dos trabalhos que resultaram de pesquisa sobre a Nacional realizada no pós-doutoramento no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, em 2014³. Pesquisei a Rádio Nacional como mídia não-comercial, emissora estatal que se pretende pública. Sempre trazendo, para o presente, o paradoxo de seu passado de emissora que, mesmo estatizada, funcionou como comercial na Era de Ouro e se tornou modelo para o sistema privado em particular. Por este seu perfil, a Nacional pode ser compreendida como paradoxo de emissora estatal/pública mais responsável pela hegemonia do sistema comercial na radiodifusão brasileira.

Para estudar a Nacional a partir de seu declínio, *a priori* elegi como marcos de partida

³ São eles: “O Rádio Público no Brasil em busca de um modelo via programação: transformações históricas contemporâneas das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro” (ZUCULOTO, 2014) apresentado ao 2º Simpósio Internacional de História Pública: Perspectivas da História Pública no Brasil, na Universidade Federal Fluminense, em setembro de 2014; e “Rádio Nacional do Rio de Janeiro, o show não pode parar! Resultados históricos e teóricos de relatório de pesquisa” (ZUCULOTO, 2015) exposto ao GT de História da Mídia Sonora, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em junho de 2015.

para a coleta de dados e observações, além do advento da televisão, o impacto imediato do golpe de 1964 sobre a emissora e o fim das transmissões do *Repórter Esso*, em 1966 na própria estação, e em 1968, na Rádio Globo do Rio de Janeiro, que irradiou a última edição do noticioso no Brasil. Assim, os estudos que baseiam este artigo são empíricos, históricos, exploratórios, descritivos e analíticos. Valem-se de referenciais teóricos e metodológicos tanto da história, em especial da história própria da comunicação, como da análise dos processos e produtos midiáticos, da comunicação e do jornalismo. A EBC foi pesquisada tanto no Rio de Janeiro como em Brasília. De 2014 a 2016, foram realizadas entrevistas não-dirigidas e participação em reuniões com gestores e profissionais da Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, assim como visitas à emissora, encontros e conversas informais por *e-mail* e redes sociais ⁴.

Os muitos “golpes” contra a Nacional

Foi nos tempos do advento da televisão no Brasil, uma das demarcações da minha pesquisa, que a potente PRE-8 iniciou a derrocada. Mas vários estudiosos e inclusive profissionais da emissora, como Cristiano Menezes⁵, avaliam que o estopim de uma das diversas crises enfrentadas pela rádio na época, não foi propriamente a concorrência da televisão. Ao contrário, foi o fato de não ter conseguido o canal 4 para implantar a TV

⁴ Entre os principais entrevistados, destaco Marcos Gomes, então coordenador da Nacional e hoje gerente da emissora; Orlando Guilhon, que foi Superintendente de Rádios da EBC a partir de sua criação, diretor-geral da Rádio MEC e assessor especial da Empresa no Rio de Janeiro até 2016, quando saiu exonerado pelo governo Temer, e ainda presidente da ARPUB – Associação das Rádios Públicas do Brasil; e Cristiano Menezes, diretor da estação de 2003 a 2006, gerente de rádios da EBC no RJ até 2013 e depois, até sua morte em setembro de 2016, trabalhou como assessor na área de acervos da Empresa, com a principal missão de montar o ainda inconcluso Museu da Rádio Pública. Entre outros, também foram entrevistados Gerdal dos Santos, radialista que atua na Rádio Nacional há 63 anos, como apresentador, radioator e produtor. Atualmente comanda os programas Rádio Memória e Onde Canta o Sabiá; José Roberto Garcez, ex-presidente da Radiobrás e diretor da EBC até a exoneração em 2016; Liara Avellar que foi coordenadora da Rádio MEC do Rio de Janeiro até 2017; Mário Sartorello, ex- Presidente da ARPUB – Associação das Rádios Públicas do Brasil e gerente da Rádio Nacional Amazônia até 2016; Osmar Frazão, jornalista, radioator, produtor, historiador, produz e apresenta o programa *Histórias do Frazão*. Constituíram-se ainda como referenciais teóricos e fontes destacadas, entre outros, Aguiar (2007), Barbosa (2005; 2008; 2011), Blois (1996), Bucci (2005), Bucci, Chiaretti e Fiorini (2012), Carvalho; Carvalho (2014), Cunha Lima (2008), Del Bianco, Esch e Moreira (2012), Ferraretto (2000; 2014), Goldfeder (1980), Klöckner (2008), Menezes (2009), Zuculoto (2012; 2014; 2015), Pinheiro (2005), Saroldi (2005), Saroldi e Moreira (2005), Unesco (2006), além de acervos das rádios e de outras instituições como a Soarmec – Sociedade dos Amigos Ouvintes da Rádio MEC, o Portal do Rádio do GP Rádio e Mídia Sonora da Intercom, o Museu da Imagem e do Som, a Biblioteca Nacional e a Biblioteca Radiofônica Tude de Souza, estas três últimas no Rio de Janeiro.

⁵ Entrevistas concedidas à autora entre 2014 e início de 2015 para a pesquisa de pós-doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Nacional. Outros fatos apontados como golpes contra a Nacional e responsáveis pela sua derrocada são: a perda do canal exclusivo da frequência 980 kHz, único em todo país, em 1957, o golpe de 64 que tentou calar a potente e popular emissora, demitindo e perseguindo seus profissionais; o fim das emissões do Repórter Esso.

Autores como Goldfeder (1980), Ferraretto (2000) e Aguiar (2007), além de radialistas que integravam o quadro da Nacional à época do golpe de 64, são categóricos ao apontar o desmonte da emissora pelo golpe de 64 como um dos principais causadores da sua decadência. No docudrama radiofônico intitulado *Eles não nos calaram* (RÁDIO NACIONAL, 2014), foi reconstituído aquele período dramático, por meio de depoimentos e radioteatralização. Os depoimentos que costuram o programa são de Gracindo Júnior e Gerdal dos Santos, “dois dos 36 artistas da emissora sumariamente demitidos exatamente no dia em que os militares tomaram o poder”, conforme anunciou chamada do especial no *site* da Nacional⁶. Os dois são os únicos personagens da lista de demitidos ainda vivos. Gerdal dos Santos⁷ ingressou na Rádio Nacional em 1953 e em setembro de 2016, mesmo mês em que estação completou 80 anos, também festejou os seus 63 anos de atuação na emissora.

Enfrentando a concorrência da televisão sem ter um canal de TV, sem um noticioso com a fama, credibilidade e êxito do *Esso*, sem os programas de auditório e outras produções que fidelizavam inabalavelmente a audiência, no período que se segue ao fim da “Era de Ouro” da radiodifusão privada, a Nacional entrou em decadência. O rádio em geral sofreu um declínio na época. Mas para a Nacional, a rádio padrão do Brasil, a derrocada se revelou bem maior. Enquanto outras emissoras resistiam e se reinventavam principalmente por meio de ênfase ao jornalismo, a PRE-8 padeceu um longo ocaso nas décadas 1970, 1980, 1990. (MENEZES, 2009, 2014, 2015; GOMES, 2014, 2015).

Ainda vinculada à Radiobrás e, na sequência, à sua sucessora EBC, a partir de 2003, com o início do governo Lula e após assumir sua natureza estatal/pública, a Nacional passou a funcionar sob o alento de que sua recuperação era possível. A tão esperada e

⁶ Disponível em: <<http://radios.ebc.com.br/redacao-nacional/edicao/2014-03/docudrama-eles-nao-nos-calaram>>.

⁷ Entrevista concedida à autora em 2014 para a pesquisa de pós-doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

anunciada revitalização, logo no início do governo Lula, foi iniciada, tendo entre primeiras medidas a recuperação dos andares do antigo prédio por ela ocupados na Praça Mauá, de seus estúdios, auditórios e principais equipamentos. Também buscou recompor o quadro de profissionais para que a emblemática programação generalista, mesclando os diversos gêneros radiofônicos, fosse retomada, atualizada e inserida aos dias atuais do rádio. Outra ação neste sentido foi atribuir à Nacional o papel de ser referência para a radiofonia pública, especialmente no que se refere ao rádio informativo (SAROLDI; MOREIRA, 2005).

Mesmo após a criação da EBC em 2007, a nova grade em estruturação pela Rádio Nacional se encaixou perfeitamente nos perfis que a Empresa estabeleceu para cada uma de suas emissoras. Conforme o ex-superintendente de rádios da EBC no seu período inicial, Orlando Guilhon,⁸ três grandes eixos estruturantes nortearam e se aplicaram às estações: generalistas, educativas, informativas. A Nacional desenvolveu a nova programação em especial como generalista e informativa, alicerçada no tripé defendido pela EBC para todas suas emissoras: conteúdo, qualidade do som e divulgação. Também o trabalho em rede, com grandes coberturas especiais, foi realçado como uma das prioridades.

A Nacional revitalizada?

Sobretudo a partir da EBC, a Nacional vem tentando não apenas resistir como fez nas décadas finais do século passado, mas também e principalmente recuperar parte de sua força radiojornalística. Junto com a Rádio MEC, passou a ser uma espécie de líder do segmento. (ZUCULOTO, 2015). A volta das grandes coberturas esportivas foi considerada fundamental pelos gestores da EBC. Mas assim como o radiojornalismo em geral e restante da programação, a cobertura de esportes tem sido, recorrentemente, motivo de várias disputas editoriais internas entre seus gestores, tantos os do Rio de Janeiro quanto os do alto comando da EBC em Brasília. (BUCCI, 2005; GARCEZ, 2009)⁹. Documentos¹⁰ para discussão em Seminários Internos dos veículos e troca de *e-mails*

⁸ Em entrevista concedida à autora em 2014 para a pesquisa de pós-doutoramento realizado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

⁹ Em entrevista à autora em 2009.

¹⁰ Cópias desses documentos e *e-mails* foram cedidos à autora pelos próprios gestores e/ou profissionais que solicitaram não ser nominados e também que os autores dos textos não fossem

entre os gestores também evidenciam que as próprias direções da EBC muito divergiram até definirem novas programações das suas rádios, especialmente esportivas.

Mesmo com a definição de ênfase no gênero informativo, a Nacional não desistiu da programação artística e cultural com foco na música. Para isso, promoveu a reedição de festivais de música, dentro de um projeto de redes a partir de 2009. Em parceria da ainda então atuante ARPUB – Associação das Rádios Públicas do Brasil e a EBC, foi criado o Festival de Música das Rádios Públicas do Brasil. Em 2016, quando a Nacional e a MEC completaram 80 anos, o Festival integrou as suas comemorações.

Apesar da reforma de 2004 e de uma nova grade, nos últimos cinco anos principalmente, outras medidas de impacto afetaram a programação e a necessária ampliação de audiência, entre as quais a mudança da sua sede histórica na Praça Mauá e a não solicitação de migração do AM para o FM. Em 2012 e 2013, as rádios da EBC no Rio de Janeiro, respectivamente a Nacional e as MEC AM e FM, foram obrigadas a desocupar suas sedes históricas, em função de necessidade de reformas em ambos os prédios, conforme justificativa da direção da empresa. A MEC saiu de seu endereço tradicional na Rua da República e a Nacional deixou o prédio que sempre ocupou, desde o início da sua história, no edifício A Noite, na Praça Mauá, centro do Rio. Isto apesar da obra de revitalização de mais de dois milhões de reais promovida em 2003 e 2004. As emissoras passaram a funcionar juntas em um mesmo endereço, na sede da EBC RJ/TV Brasil no bairro da Lapa.

A promessa de volta para a Praça Mauá não se concretizou e justo quando a Nacional comemorava seus 80 anos, em setembro de 2016, já sob as transformações da EBC operadas pelo governo Temer, foi confirmada a devolução do prédio de A Noite à Superintendência de Patrimônio da União para ir a leilão. Definitivamente, a Nacional não voltará à sua sede histórica e nem lá será instalado o Museu das Rádios Públicas. No início de 2017, a EBC anunciou a contratação de empresa para elaboração do projeto da reforma do prédio da MEC AM e FM na Praça da República. Quando concluída a recuperação, ainda sem data definida, este deverá abrigar o histórico estúdio sinfônico, além dos acervos das três emissoras, ou seja, tanto da MEC AM e FM quanto da Nacional. No que diz respeito às estruturas operacionais, o que se pretende é manter

identificados.

as três rádios juntas, provavelmente no outro prédio da EBC/TV Brasil no Rio de Janeiro, na rua da Relação, também na Lapa. A sede da Gomes Freire, que Nacional e MEC hoje ocupam de forma provisória, ficaria dedicada exclusivamente aos estúdios da TV Brasil. (GOMES, 2017)

Foi num cenário novamente conturbado que a Nacional se preparou para comemorar seus 80 anos em setembro de 2016 e evidenciando que a tão desejada revitalização pouco avançava e permanecia ainda apenas como promessa feita no início dos anos 2000. E capítulos mais ou tão dramáticos da história da Nacional continuaram a ser escritos justamente em 2016, o ano dos seus 80 anos.

A Nacional em busca de um futuro

Marcos Gomes¹¹ (2014; 2015; 2017), atualmente gerente da emissora, assegura que o perfil de programação orientado para a Nacional permanece voltado ao fortalecimento do noticiário com ênfase na informação local e regional, destacando esportes. Também prossegue incluindo programas generalistas e musicais, estes igualmente tendo como público-alvo a audiência local/regional. Porém, nesta fase inicial da nova EBC sob o governo Temer, promove-se mudanças nas grades das três emissoras do Rio (além da Nacional, a MEC AM e a MEC FM), visando “otimizar recursos e buscar ganho em audiência.” Na Rádio Nacional, por exemplo, evidenciando a continuidade do destaque à cobertura esportiva, o programa *No Mundo da Bola* passa de noturno para vespertino, mudança que, segundo Marcos Gomes, objetiva melhor aproveitamento de todo material produzido pelo radiojornalismo e subir a audiência do seu novo horário, no período das 17h às 18h30.

A otimização agora é perseguida por meio de uma ampliação das transmissões conjuntas de programas pelas emissoras da EBC, incluindo também a televisão. Uma nova experiência, que Marcos Gomes classifica de “convergência de mídia”, teve estreia na Nacional em novembro de 2016. O programa *Nos corredores do poder*, apresentado na TV Brasil pela jornalista Roseann Kennedy, tem transmissão simultânea pelas rádios Nacional do Rio de Janeiro, Nacional de Brasília, Nacional Amazônia e Alto Solimões. foi anunciado como um novo telejornal da TV Brasil, o primeiro programa jornalístico da EBC da era Temer.

¹¹ Entrevista à autora em final de 2016.

O gerente Marcos Gomes considera que essas modificações, sobretudo as de reestruturação nas emissoras do Rio, para a Nacional devem resultar ainda em mais autonomia de definições editoriais em relação ao comando de Brasília. Isto em função da criação da Gerência Regional das Rádios, no Rio de Janeiro assumida pelo jornalista Amaury Santos, que durante anos atuou na MEC AM e também na própria Nacional. Essas mudanças contemporâneas e específicas para a Nacional ainda estão em implementação e a avaliação dos resultados é possível apenas no plano de possibilidades. As observações das crises, dificuldades e instabilidades que a rádio enfrentou nos últimos anos e prossegue encarando nos dias de hoje, mesmo após a revitalização proposta a partir de 2003, levam a refletir como ainda incerta a sua recuperação e seu fortalecimento como emissora pública e particularmente como modelo referência para este segmento ainda em constituição no Brasil.

Ao longo deste artigo, ao se investigar a Nacional nos seus tempos mais recentes, quando amargou o declínio e passou a se reconhecer e funcionar como emissora pública, evidenciou-se que um dos maiores fenômenos midiáticos do século XX atravessou suas quatro últimas décadas – ou seja, metade de sua trajetória histórica - em sucessivas crises que, em diversos momentos, quase a calaram e a levaram à extinção. Apesar de principalmente suas direções locais e seus profissionais demonstrarem empenho em recuperá-la, a estação ainda não conseguiu incorporar e expressar, na totalidade da sua programação, os indicadores mais gerais do rádio público de completa autonomia e independência, sobretudo editorial, de universalidade, diversidade, pluralidade e também, em especial, de diferenciação.

Alguns dos seus programas, algumas de suas coberturas, de suas linhas se aproximaram ou se aproximam do perfil público de rádio. Mas, no conjunto, a programação da emissora ainda carece de uma identidade mais clara e delineada neste sentido. Necessita uma conceituação mais firme e consensuada, sobre a identidade específica da Nacional atualizada ao presente. Também de um entendimento que, mesmo otimizando recursos e convergindo programas de diferentes meios ou suportes, em transmissões simultâneas não pode esquecer que cada um – rádio, televisão, agência de notícias, internet - tem especificidades, características próprias de linguagem, produção, veiculação, entre outras, que precisam ser respeitadas. Isto para que, por exemplo, um programa não seja uma produção para a televisão que é apenas repetida pelo rádio. Igualmente compreender que mesmo em produções e veiculação conjuntas somente entre rádios, o

perfil de cada uma também deve ser preservado.

Dentro da lógica estabelecida pela EBC para suas emissoras, de funcionamento por eixos de programação, com busca de produção por conteúdo e não por mídia, a Nacional e a MEC AM demonstram que têm conseguido desenvolver rotinas integradas, sobretudo em coberturas especiais, e adaptação distinta às grades de cada uma. Não apenas nas coberturas especiais e produções de cunho cultural como o radioteatro *Contos no Rádio* produzido pela MEC e retransmitido pela Nacional, mas também nos informativos e programas de prestação de serviços como o *Repórter Rio*. Porém, não constitui, ainda, experiência tão compreendida e assimilada por todos que fazem o dia a dia das emissoras. Afinal, trata-se de uma ruptura com a lógica tradicional do fazer radiofônico.

Especificamente em relação ao jornalismo desenvolvido pela Nacional nos seus tempos mais contemporâneos, observei uma busca de recuperação não para a mesma forma que à época da “Era de Ouro do Rádio”. Agora, é meta desenvolver, por fim, sua real característica e cumprir o papel reservado ao rádio público, aquele que a própria EBC proclama para o jornalismo das diversas mídias que a integram. (EBC, 2013). Não se pode afirmar, entretanto, que a Nacional já transmite o jornalismo que conseguirá consolidá-la com a pretendida referência, pelo menos do radiojornalismo público. Assim como as demais emissoras do grupo estatal/público, ainda está em busca de formas, linhas e estruturas para desenvolvê-lo. Além disso, continua a enfrentar, dentro de seus próprios espaços internos, controvérsias e divergências sobre modelos a seguir. E também, afora a cobertura esportiva, sua grade atual, especialmente pela falta de estrutura, ainda não reflete a ênfase no gênero informativo/jornalístico.

A emissora igualmente ainda precisa de mais recursos de pessoal e estrutura para produção e mesmo transmissão. A provisoriamente de suas instalações permanece, assim como a indefinição de qual será e quando terá novamente endereço definitivo. Da mesma forma, continua sem solução a indispensável migração para o FM. A mais recente informação acerca da questão é mínima: a migração ainda não foi solicitada, mas voltou a ser debatida pela diretoria e estão no aguardo de um posicionamento.

Aos 80 anos, a Rádio Nacional denota que tem se empenhado em recuperar o prestígio e a popularidade que a associaram, de forma determinante e destacada, à história do rádio e do próprio Brasil. Entretanto, explicam seus gestores e profissionais, que essa

recuperação não significa uma simples reedição da sua época áurea. O objetivo de finalmente desenvolver característica e cumprir papel de rádio público é proclamado inclusive no cotidiano da estação. Mas, além das carências de estruturas e das divergências internas de linhas editoriais e gestão, acima de tudo pelas inconclusões, descontinuidades e mesmo desmontes que se verificam na construção do modelo de rádio público do Brasil, da mesma forma na EBC e nas instituições que a antecederam e às quais a Nacional esteve e permanece vinculada, a emissora também ainda não conseguiu (re)encontrar completamente sua identidade. Ainda parece muito presa somente ao seu passado glorioso, ao fato de ter sido estação modelo do país e referência internacional - aquela que “mostrou o Brasil aos brasileiros”. (MENEZES, 2009, p. 62). No dia a dia da estação, embora as transformações para se adequar ao perfil de emissora pública e ao tempo presente do rádio e agregar audiência, a sintonia maior com o público ocorre bem mais calcada na sua representação pela memória histórica e menos pela programação que coloca no ar.

Neste momento em que a indefinição acerca do que a nova EBC do governo Temer pretende reservar ao futuro da Nacional é de se fazer ressoar o alerta que Luiz Carlos Saroldi, um também lendário profissional do rádio e da estação, escreveu em 2005, quando a emissora apostava na revitalização:

[...] visto apressadamente, o legado da Rádio Nacional do Rio de Janeiro à cultura brasileira corre o risco de se transformar em nostalgia, de virar um saudosismo repleto de brilhantes lantejoulas, uma história antiga que nada teria a ensinar à radiofonia atual. Este é um equívoco indesculpável[...].

O artigo aqui apresentado pretendeu ser uma contribuição para que não se cometa, mais uma vez, equívocos indesculpáveis com a Rádio Nacional. E quis contribuir acreditando que “o passado, entretanto, pode ser um bom lugar para se exercitar a sensibilidade coletiva, a esperança de um futuro melhor e, sobretudo, de um caminho mais digno”. (BARBOSA, 2005, p. 111).

A Nacional tem, sim, como voltar a mostrar o Brasil aos brasileiros. Tem, sim, como construir um futuro. Um futuro melhor e mais digno!

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **REcine - Revista do Festival Internacional de Cinema de Arquivo. Rádio e Cinema em sintonia**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Ano 6, n. 6, set. 2009.

AGUIAR, Ronaldo Conde. **Almanaque da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

BARBOSA, Marialva. Jornalismo e a construção de uma memória para a sua história. In: BRAGANÇA, Anibal; MOREIRA, Sonia Virgínia. (Orgs). **Comunicação, acontecimento e memória**. São Paulo: Intercom, 2005. p. 102- 111.

_____. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre Comunicação e História. In.: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael. (Orgs). **Comunicação e História: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X, Globo Universidade, 2008.

_____. A pesquisa em Comunicação no Brasil: não precisamos ter mais medo do contágio. In.: BARBOSA, Marialva; MORAIS, Osvando J. de. (Orgs). **Quem tem medo da Pesquisa Empírica?** São Paulo: Intercom, 2011. p. 77-90.

BLOIS, Marlene. **Florescem as FM Educativas no Brasil. Radiografia do radioeducativo no Brasil e os fatores favoráveis à ocupação dos canais de FM educativos**. Rio de Janeiro: UGF, 1996. Tese de Livre-Docência em Comunicação Televisão e Rádio. Rio de Janeiro, Universidade Gama Filho, 1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. 292 p.

BUCCI, Eugênio. Entrevista do mês. **Caros Amigos**, São Paulo, Ano 9, n. 103, p. 32-37, out. 2005.

_____. A tragédia anunciada da EBC. In.: LOPES, Ruy Sardinha. **SOCICOM DEBATE - A comunicação pública em questão: crise na EBC**. São Paulo, SOCICOM, 2016. p. 40-44.

BUCCI, Eugênio; CHIARETTI, Marco; FIORINI, Ana Maria. **Indicadores de qualidade nas emissoras públicas – uma avaliação contemporânea**. Brasil: Unesco, Série Debates CI, n. 10, jun. 2012. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002166/216616por.pdf> Acessos em 2014.

CARVALHO, Juliano Maurício de; CARVALHO, Juliana Marques de. Critérios de Qualidade da emissora pública. Uma perspectiva crítica. In.: DANTAS, Marcos; KICHINHEVSKI, Marcelo. **Políticas Públicas e pluralidade na comunicação e na cultura**. Rio de Janeiro: E-papers, 2014. p. 161-174.

DEL BIANCO, Nelia R.; ESCH, Carlos Eduardo; MOREIRA, Sonia Virgínia. Radiodifusão pública: um desafio conceitual na América Latina. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, Colóquio Brasil-Chile de Ciências da Comunicação, 5, 2012. **Anais...** Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em < <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0299-1.pdf> > e < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0299-1.pdf> > Acessos em: 2014 e 2016.

EBC. **Histórico**. EBC, 2012. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/sobre-a-ebc/o-que-e-a-ebc/2012/09/historico>>. Acessos em: 2012, 2013 e 2014.

_____. **Sobre a Rádio Nacional de Brasília**. Brasília: EBC. Disponível em < <http://radios.ebc.com.br/nacionalbrasiliam/sobre> > Acessos em 2015, 2016

EBC. **Documentário Eles não nos calaram**. 2014 Disponível em: <http://radios.ebc.com.br/redacao-nacional/edicao/2014-03/docudrama-eles-nao-nos-calaram>

_____. **Somente a verdade. Manual de Jornalismo da EBC.** EBC, 2013. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/institucional/sites/_institucional/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf> Acessos em: 2013, 2014 e 2016.

_____. **Festival de Música.** EBC, 2016. Disponível em:< <http://radios.ebc.com.br/edicao/2016-12/festival-de-musica-das-radios-mec-e-nacional-cheга-final>>. Acessos em 2016 e 2017.

FRAZÃO, Osmar. **Osmar Frazão:** depoimentos. [2014]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Rio de Janeiro, 2014. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica.** Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

_____. **Rádio - Teoria e prática.** São Paulo: Summus, 2014.

FREIRE, Rita. Medida Provisória 744: o desmonte da participação social na Empresa Brasil de Comunicação (EBC). In.: LOPES, Ruy Sardinha. **SOCICOM DEBATE - A comunicação pública em questão: crise na EBC.** São Paulo, SOCICOM, 2016. p. 45-66.

GARCEZ, José Roberto. O país já tem maturidade para a gestão pública na comunicação. Entrevista. **E-Fórum, FNDC**, 4 maio 2007. Disponível em < <http://fndc.org.br/noticias/garcez-o-pais-ja-tem-maturidade-para-a-gestao-publica-na-comunicacao-154043/>>. Acessos em: 2007, 2009, 2014 e 2016.

GARCEZ, José Roberto. **José Roberto Garcez:** depoimentos. [2009]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Brasília, 2009.

GOLDFEDER, Miriam. **Por trás das ondas da Rádio Nacional.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo.** Florianópolis: Insular, 2009.

GOMES, Marcos. **Marcos Gomes:** depoimentos. [2014; 2015; 2016]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Rio de Janeiro, 2014; 2015; 2016. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

GUILHON, Orlando. **Orlando Guilhon:** depoimentos. [2014]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Rio de Janeiro, 2014. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso.** Porto Alegre: AGE/Edipucrs, 2008.

KUBITSCHKE, Juscelino. Discurso na inauguração da emissora da Rádio Nacional de Brasília. Biblioteca da Presidência da República. 31 de maio de 1958. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/jk/discursos/1958/37.pdf/view>> Acesso em: 2016.

MENEZES, Cristiano Ottoni de. Rádio Nacional: uma história de glórias e traumas. In.: ARQUIVO NACIONAL. **REcine - Revista do Festival Internacional de Cinemade Arquivo. Rádio e Cinema em sintonia.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, Ano 6, n. 6, set. 2009.

MENEZES, Cristiano. **Cristiano Menezes:** depoimento. [2014; 2015]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Rio de Janeiro, 2014; 2015. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

MOREIRA, Sônia Virgínia (Org.). **70 anos de radiojornalismo no Brasil, 1941-2011**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

PAULINO, Fernando Oliveira; SILVA, Luiz Martins da (org.). **Comunicação Pública em Debate: Ouvidoria e Rádio**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

PINHEIRO, Cláudia. (org.) **A Rádio Nacional: alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

REVISTA RÁDIO E NEGÓCIOS. **Manifesto de pesquisadores de rádio em apoio à migração das emissoras públicas para a Frequência Modulada**. São Paulo, out 2015. Acesso em out 2015 e jan 2016. Disponível em: < <http://radioenegocios.com.br/manifesto-de-pesquisadores-de-radio-em-apoio-a-migracao-das-emissoras-publicas-para-a-frequencia-modulada/>>

RÁDIO NACIONAL. **Rádio Nacional: 20 anos de liderança a serviço do Brasil, 1936-1956**. Publicação comemorativa da emissora. Rio de Janeiro: Rádio Nacional, [1956].

ROCHA, Renato; COELHO, Nely; RIBEIRO, Adriana (Orgs.). **Cadernos Radiofônicos 1 – Programas Educativos e Culturais Escritos para a Rádio MEC de 1947 a 2009**. Rio de Janeiro: Soarmec, 2009.

SANTOS, Gerdal dos. **Gerdal dos Santos**: depoimento. [2014]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Rio de Janeiro, 2014. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

SAROLDI, Luiz Carlos. Por que a Nacional? In.: PINHEIRO, Cláudia. (Org.) **A Rádio Nacional: alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 8-13.

SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virgínia. **Rádio Nacional – O Brasil em Sintonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 3. ed. [ampliada e atualizada].

SARTORELLO, Mário. **Mário Sartorello**: depoimento. [mai. 2014]. Entrevistadora: Valci Zuculoto. Brasília, 2014. Entrevista concedida à autora na ocasião de seu pós-doutoramento.

UNESCO. **Radiotelevisión de servicio público: um manual de mejores prácticas**. San Jose, Costa Rica: Oficina de la UNESCO para América Central, 2006.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **O Rádio Público no Brasil em busca de um modelo pela programação: transformações históricas contemporâneas das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro**. In.: Simpósio Internacional de História Pública: Perspectivas da História Pública no Brasil, 2, 2014. *Anais...* Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense; Rede Brasileira de História Pública, 2014.

_____. O rádio público no Brasil: resgate histórico e transformações contemporâneas das rádios Nacional e MEC do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Madalena; PRATA, Nair (Org.). **Rádio em Portugal e no Brasil: trajetórias e cenários**. Braga, Portugal: CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2015. Disponível em http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2157/2075 ou https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/39717/1/MO_NP_radioptbrasil.pdf